

Três poemas de Colagens

Helder Macedo

1.

O rio corre
da fonte seca
como se rio
de fonte morta
chegasse ao mar
quebrada a ponte
das águas turvas
na torva treva
que o ramo quebra
onde pousassem
aves que houvesse
se ali cantassem
vindas do monte
que o rio leva
de engano em dano
por terra seca
ao mar sem praias
que corre e morre
sem vale ou serra
do mar à fonte

2.

Já se foram todos
quase todos
nunca pensei que tantos se desfizessem assim
antes de mim

um dia destes alguém vai-me telefonar
com a notícia
de que também eu
a perguntar se já sabia

os amigos estão à minha espera
abriram um espaçozinho à mesa
é grande mas quase já não há lugares sentados
já somos mais os mortos do que os vivos
uma cadeira por exemplo entre o Bartolomeu
que antes de ser grande queria ser marinheiro
de riscas azuis
e o João que sabia as letras de todas as viagens
com o Fernando à frente a ajudar-nos a pensar
estava a ouvir mal nos últimos tempos
semi-cerrava os olhos para ouvir melhor
e a Menez é claro
a querer sempre que eu seja mais parecido comigo
nessa infância que nunca partilhámos
quando não havia ainda infância a partilhar

mas o pior para todos eles é que se eu vou
o pior para mim
quando eu for
e já não tardo
desculpem
bem sei que está a ficar tarde
foi por amor que fui ficando
por um amor que não saberia como deixar
porque nela vivo
é força que viva
mas o pior é que então se desfazem mesmo todos
para sempre
e eu nem sequer estarei aqui a dar por isso
por termos ficado todos tão parecidos

3.

Este vai ser
talvez
o meu último poema

ou talvez não
e só mais um depois do anterior
como aliás daria jeito
considerando os meus longos intervalos sem poesia
poderia ainda passar alguns anitos
com as almas dos outros
na prosa em que conjuro quem não sou
em vez de quem fosse
como se soubesse
o que não fui
e não serei
no antes e depois
desta minha finita eternidade

sendo assim
recomeçamos

havia aqui uma fonte
e árvores
e sombras
as aves todas cantavam de amor

porque tudo é só como parece
e é sem cura